

1932: QUANDO SÃO PAULO FOI À LUTA

“(...)verás que um filho teu não foge à luta(...)”

GUSTAVO de Freitas Araújo ¹

RESUMO

O presente artigo analisará a Revolução Constitucionalista de 1932, ocorrida em diversas regiões do estado de São Paulo. Os insurgentes buscavam com o movimento o fim do Governo Provisório instituído por Getúlio Vargas com o golpe ocorrido em 1930. Apesar da derrota militar dos paulistas, a luta serviu para a reconstitucionalização do país e hoje é um dos marcos históricos do estado.

Palavras-chave: História do Brasil, História Militar, Era Vargas, Batalhas.

1. INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República, o Brasil viveu uma sequência de presidentes que eram oriundos, basicamente, dos estados de São Paulo e Minas Gerais e se alternavam no poder através dos respectivos Partido Republicano Paulista (PRP) e Partido Republicano Mineiro (PRM). Essa situação, marcou o domínio exercido pelas oligarquias cafeeiras e por práticas de autoritarismo e fraudes eleitorais. Os historiadores denominaram a esse período da história nacional, que se estendeu até 1930, de República do Café com Leite.

O ano de 1929 foi marcado pelo rompimento da aliança entre paulistas e mineiros e serviu para iniciar a crise que acabaria

com a política do café-com-leite. O presidente da época, o paulista Washington Luís, ao se aproximar do término de seu mandato, resolveu lançar outro candidato de São Paulo, Júlio Prestes, para sucedê-lo nas eleições que ocorreriam no ano seguinte. Os integrantes do PRM, inconformados com a decisão do PRP de vetar um candidato mineiro à presidência, lançaram Getúlio Dornelles Vargas, gaúcho natural da cidade de São Borja, para se candidatar ao cargo.

As eleições ocorreram em 1º de março de 1930. O paulista Júlio Prestes saiu vitorioso do pleito, com 1 milhão de votos contra 700 mil conquistados por Getúlio Vargas (BUENO, 2003). Entretanto, um fato causou uma reviravolta no cenário: o candidato a vice-presidente da chapa de Vargas, João Pessoa, foi assassinado. Apesar de o crime ter sido motivado por questões políticas locais, a morte de João Pessoa foi utilizada para provocar uma conspiração, que desencadeou o golpe de Estado que colocou Getúlio Vargas no poder.

O Decreto de Lei nº 19.398 (BRASIL, 1930), de 11 de novembro de 1930, instituiu o Governo Provisório tendo o político gaúcho como presidente da República Federativa do Brasil. No aspecto político, destacaram-se as seguintes ações realizadas por Vargas no Período: a nomeação de interventores² nos estados brasileiros, exceto Minas Gerais, a dissolução do Congresso Nacional e a suspensão da Constituição de 1891 (NETO, 2013). Além

1 O autor é 1º Tenente do Exército, formado na Academia Militar das Agulhas Negras em 2012 e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RS.

2 Interventores - Foram substitutos provisórios dos governadores depostos após o golpe que levou Getúlio Vargas ao poder.

disso, procurou eliminar a influência das antigas oligarquias estaduais, particularmente a paulista. No campo econômico, buscou controlar a política do café (FAUSTO, 2012). Dessa forma, evidentemente, o estado de São Paulo foi o que mais se prejudicou com o novo governo instituído. A insatisfação paulista contra Vargas resultou em uma Guerra Civil que veio à tona no ano de 1932.

A Revolução de 1932 teve vários aspectos notáveis, contudo analisaremos com ênfase, no campo militar, a Batalha do Túnel da Mantiqueira. Esse episódio destacou-se dentro do contexto da revolução devido à localização estratégica onde ocorreram os embates, à duração relativamente longa que teve, às inovações militares ocorridas e à importância para a rendição dos insurgentes.

A pesquisa está desenvolvida da seguinte maneira: iniciaremos apresentando aspectos gerais sobre a guerra civil paulista. Em seguida, buscaremos detalhar a frente do Vale do Paraíba, local onde ocorreram os fatos mais importantes do movimento, em especial a Batalha do Túnel da Mantiqueira. Posteriormente, abordaremos os principais aspectos militares e, por fim, as consequências que a revolução trouxe para o Brasil.

2. A GUERRA CIVIL DE SÃO PAULO

Meses após a tomada do poder por Vargas, manifestações em prol da reconstitucionalização do país eram cada vez mais frequentes. Milhares de pessoas iam às ruas exigir do governo a elaboração de uma nova Carta-Magna para o Brasil. Os paulistas eram os mais inconformados com os rumos da situação política e econômica do chefe do Governo Provisório, particularmente depois da nomeação de um pernambucano, João Alberto, como interventor do estado (Ibidem).

Nesse sentido, o PRP aliou-se ao Partido Democrático, formando a Frente Única Paulista. Outros estados também se mos-

traram insatisfeitos com o a política centralizadora varguista, como Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Minas Gerais (DARÓZ, 2013). Em uma das sublevações populares ocorridas nas ruas de São Paulo, no dia 23 de maio de 1932, durante o confronto contra uma multidão de manifestantes, quatro estudantes foram mortos pelas forças legalistas: Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo. Esse fato os transformou em símbolos da insatisfação contra o governo e, com base nas iniciais dos rebeldes assassinados, originou-se a sigla MMDC, representando o movimento para retirar Vargas do poder (FEIJÓ & MARTEL, 1998).

O início da Revolução não tardou em acontecer: no dia 09 de julho de 1932, liderados pelos Generais Isidoro Dias Lopes e Bertoldo Klinger e pelo Coronel Euclides de Figueiredo, eclodiu o movimento armado. Buscou-se recrutar a juventude paulista em massa, além de industriais, associações civis, intelectuais e profissionais liberais que, dentre outros, foram engajados na luta, totalizando cerca de 40 mil combatentes. Em sua quase totalidade, consistiam de civis voluntários que não estavam devidamente preparados. Fato curioso é que, para superar a escassez de armamentos, os constitucionalistas simulavam metralhadoras utilizando pranchetas de madeira que, ao serem sacudidas, o barulho que seus dentes de metal fazia era semelhante ao som de uma rajada de metralhadora.

No comando das tropas federais estava o General Góis Monteiro, que contava com a 1ª Divisão de Infantaria (Rio de Janeiro) e com a 4ª Divisão de Infantaria (Minas Gerais), além de integrantes da Força Militar de Minas Gerais. Os efetivos eram de cerca de 100 mil soldados que, em relação aos seus opositores, eram mais adestrados e possuíam armamentos mais desenvolvidos (Id).

Os paulistas esperavam contar com o apoio dos demais estados, e por isso, supunham que suas forças lutariam apenas na zona de ação balizada pelo rio Paraíba do Sul. Entretanto, o apoio inicial espera-

do pelos revoltosos dos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul não veio. As tropas do Mato Grosso não conseguiram chegar à São Paulo, tendo vindo apenas o seu comandante, o General Bertoldo Klinger. Devido a isso, os paulistas se viram praticamente sozinhos na luta, precisando colocar todos os seus meios de produção em favor da revolta. Prova incontestável disso, é o fato de diversas pessoas terem doado joias e ouro para angariar fundos (Id).

O historiador Carlos Daróz (2013), em sua obra sobre a utilização da aviação na Revolução de 1932³, afirma que existiram seis frentes de combate na guerra civil paulista, a saber: frente do Vale do Paraíba, frente Paranaense, frente Mineira, frente Costeira, frente do Rio Grande do Sul e frente do Mato Grosso. Dessas, o esforço principal dos constitucionalistas

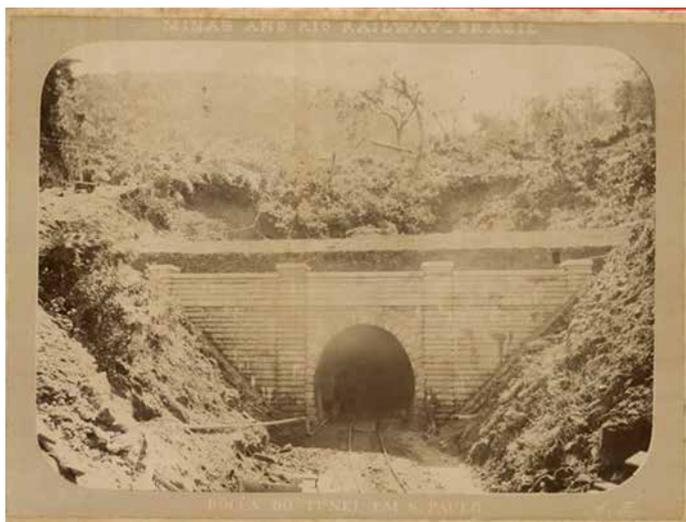


Figura 01: Saída do Túnel da Mantiqueira. Disponível em: <<https://www.facebook.com/VilaDaNossaSenhoraDaConceicaoDoCruzeiro/timeline>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

foi dirigido para o Vale do Paraíba. Nessa frente ocorreu o combate mais importante do movimento de 1932: A Batalha do Túnel da Mantiqueira.

2.1. A BATALHA DO TÚNEL DA MANTIQUEIRA

O plano dos insurgentes era ocupar a região do vale do Paraíba, no interior do estado de São Paulo, e realizar uma marcha com destino à cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. Desse modo, dispunham da 2ª Divisão de Infantaria, a comando do Coronel Euclides de Figueiredo, integrada pelo 4º, 5º e 6º Regimentos de Infantaria (RI). Os deslocamentos ocorreriam através da Rodovia Rio - São Paulo (atual Rodovia Presidente Dutra) e da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Uma vez estando sozinhos na luta, os paulistas foram obrigados a permanecer imobilizados no Vale do Paraíba, tendo como limites a Serra da Mantiqueira ao norte e a Serra do Mar a sul. Estabeleceram uma linha de resistência em local situado na divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. Mais precisamente, foi entre as cidades de Passa Quatro (MG) e Cruzeiro (SP) que as forças instalaram sua base de combate na antiga “estação túnel”



Figura 02: Soldados paulistas ocupando o túnel. Disponível em: <<http://tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br/search?q=t%C3%BAnel+da+mantiqueira>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

3 DARÓZ, Carlos. Roberto Carvalho. Um céu cinzento: a história da aviação na Revolução de 1932.

4 Este autor, recém-formado da Academia Militar das Agulhas Negras, teve a honra de servir no período de 2013/2014 no 5º Batalhão de Infantaria Leve (5º BIL), herdeiro das instalações e das tradições do 5º RI.

da linha férrea, daí o nome Batalha do Túnel da Mantiqueira. Os primeiros combates ocorreram em 10 de julho de 1932 entre as forças do 5º RI⁴ que, localizado na cidade de Lorena, era o mais próximo daquela zona de ação e as forças federais compostas pelos 10º e 11º RI (Juiz de Fora e São João del Rei, respectivamente) e elementos das Força Pública de Minas Gerais.

À época, São Paulo já possuía estradas de ferro que lhe possibilitava integrar todo o seu território. Por esse motivo, o transporte ferroviário foi largamente empregado, particularmente no Vale do Paraíba. Inclusive, adaptou-se uma locomotiva com camuflagem militar e dotada de canhão 75 milímetros e metralhadoras nos flancos, a qual foi apelidada de “fantasma da morte”.

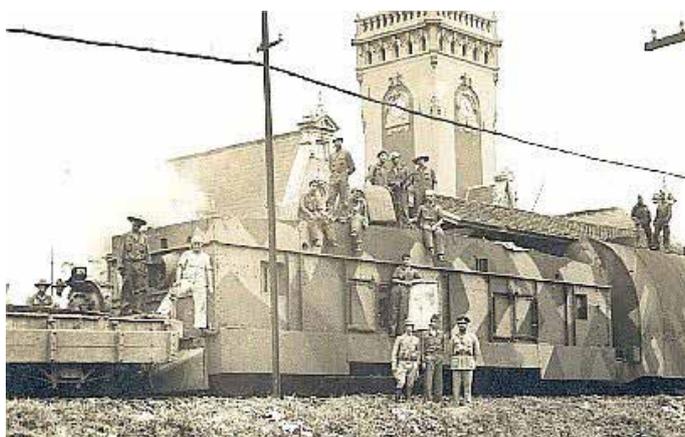


Figura 03: Soldados paulistas no trem “fantasma da morte”, durante as ações na Serra da Mantiqueira. Disponível em: <<http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/search?q=1932>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

Sobre os aspectos topográficos das imediações do túnel, o terreno era caracterizado por grandes elevações ao redor, como o Pico da Gomeira e o Pico do Itaguaré, além de ser marcado por grandes ravinas⁵. As temperaturas, durante a noite, chegavam próximo a zero graus. Para o período do ano, é comum chuvas abundantes naquela região. Todos esses fatores dificultaram as atividades logísticas, como a reposição de munição e de suprimentos em geral, isolando cada vez mais os paulistas no combate.

Utilizando o terreno de maneira mais adequada, de acordo com o biógrafo de Getúlio Vargas, o cearense Lira Neto (2013), a estratégia das forças do governo era cercar a região do Túnel da Mantiqueira, de modo a se esgotarem os meios de suprimento dos constitucionalistas de tal forma a levá-los à rendição, evitando, dessa forma, mortes desnecessárias.

Durante os combates, houve baixas de ambos os lados. Autores como Guilherme Frota (2000), comparam à situação estratégica com a guerra de trincheiras ocorrida na I Guerra Mundial⁶. Três dias após o início do confronto, aviões governistas bom-



Figura 04: Soldados paulistas no Vale do Paraíba, na cidade de Cruzeiro (SP). Disponível em: <<https://www.facebook.com/VilaDaNossaSenhoraDaConceicaoDoCruzeiro/timeline>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

bardearam a cidade de Cachoeira Paulista, no que foi o primeiro ataque aéreo da América Latina.

Aos poucos, os revoltosos foram sendo cada vez mais pressionados. Percebendo que uma vitória militar seria praticamente

5 Ravinas - Depressões no solo causada pela erosão.

6 Guerra de trincheiras - Fase da I Guerra Mundial em que os exércitos ficavam estacionados em trincheiras e com pouco avanço durante as operações.

impossível, um dos líderes do movimento, Borges de Medeiros, propôs um primeiro cessar-fogo em 20 de julho. Porém, as condições impostas não foram aceitas pelo governo provisório.

Os paulistas não conseguiram resistir por muito tempo. Em meados de setembro, sob o comando do General Hipólito Trigueirinho, recuaram até a cidade de Guaratinguetá. No dia 29 do mesmo mês, mais um cessar-fogo foi proposto pelos rebeldes. A rendição efetivou-se no dia 03 de outubro, na cidade de Cruzeiro. Estima-se que tombaram em combate, pelo menos, 200 soldados paulistas nos arredores do Túnel da Mantiqueira.

2.2. ASPECTOS MILITARES DA LUTA DE 1932

A guerra civil, em que São Paulo lutou por uma nova constituição, contou com diversas inovações no aspecto militar. O engajamento dos diversos setores da sociedade fez com que fossem envidados esforços para fabricação de materiais de emprego militar, tanto das forças insurgentes, quanto das forças legalistas. Utilizou-se largamente canhões, metralhadoras, granadas de mão e carros de combate blindados. Foi bastante relevante, nesse sentido, a atuação da Escola Politécnica de São Paulo, que realizou vários projetos para a construção de novos armamentos, até então inexistentes. O caso mais famoso foi o morteiro de artilharia, utilizado largamente pelas tropas paulistas, fruto dos estudos da Escola Politécnica.

A maior inovação técnica e tática, no entanto, deu-se com a utilização de aviões nas frentes de batalha, particularmente, nas ações no setor do Vale do Paraíba, nas imediações do Túnel. Tanto o Exército quanto a Marinha empregaram a aviação. A aviação naval, inclusive, conseguiu realizar um ataque contra o navio Rio Grande do Sul, que estava ancorado no porto de Santos. Nesse episódio morreram um tenente aviador e um piloto civil abatidos pela artilharia antiaérea da embarcação.

As forças federais pintavam de vermelho suas aeronaves, que foram apelidadas de “vermelhinhos”, cumprindo ao todo mais de 2500 horas de voo, sob o comando do então Major Eduardo Gomes, que viria a se tornar, anos mais tarde, Patrono da Força Aérea Brasileira (NETO, 2013). Entre os paulistas, o meio aéreo também foi utilizado, apesar de ter sido de maneira improvisada, com a aquisição de algumas poucas unidades pilotadas por civis (FROTA, 2000).



Figura 05: “Vermelhinho”, utilizado pelas tropas legalistas na revolução de 1932. Exemplar pertencente ao MUSAL, situado na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/AV1932.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

Vale ressaltar, também, o poder persuasivo dos dois lados para recrutar diversos voluntários para a luta. Para isso, foi empregada uma forte campanha publicitária, de forma a conseguir trazer a população para o lado desejado. Do lado paulista, cartazes eram colocados nas ruas convocando a população às armas. O cidadão que não participasse de alguma forma dos esforços de guerra sentia-se pressionado psicologicamente para ir ao combate. A mobilização tornou-se viável, em grande parte, devido à facilidade de locomoção possibilitadas pelas linhas férreas e pelas estradas que o estado de São Paulo contava. Do outro lado da luta, as forças do governo buscavam difundir a ideia de que os paulistas queriam se separar do restante do país e que era, portanto, um movimento

contra a unidade nacional. Possivelmente, foi uma das primeiras vezes, no país, em que se utilizou de maneira tão intensa instrumentos de apoio à informação, como a propaganda e a contrapropaganda.

titucionalista de 1932 tornou-se símbolo do Estado de São Paulo, que comemora anualmente os feitos de seus heróis no dia 09 de julho. Um grande monumento foi erigido no bairro do Ibirapuera, na capital



Figura 06: Propaganda dos constitucionalistas, conclamando a população a pegar em armas. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/o-papel-da-propaganda-na-revolucao-constitucionalista>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

2.3. CONSEQUÊNCIAS DE 32

Ao todo, estima-se que 634 combatentes paulistas vieram a falecer com a Revolução de 1932. Desse total, quase um terço foi na Batalha do Túnel da Mantiqueira, que se tornou um dos símbolos da luta. Do lado dos legalistas, não existem estatísticas oficiais sobre os números de baixas.

Ao fim dos conflitos, o governo passou a levar mais em conta os interesses dos cafeicultores paulistas, ajudando os produtores através de medidas econômicas. Por outro lado, representou o fim do domínio das oligarquias cafeeiras e o início efetivo da industrialização do país.

Apesar de derrotados militarmente, a luta conseguiu obter o seu maior propósito, que foi o fim do Governo Provisório e a criação de uma nova constituição para o país, concretizada em 1934.

No aspecto cultural, a Revolução Cons-

paulista, com os nomes de todos os tomados nas ações de combate. O poder de envolvimento de quase toda a população em prol de uma causa comum é motivo, ainda hoje, de orgulho de todos os filhos de 1932. Curiosamente, conforme percebido por Carlos Daróz (2013), a luta paulista é mais comemorada na capital do que no interior o estado, onde de fato ocorreram os combates.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como tema a Revolução Constitucionalista de 1932. Percebemos, ao longo do trabalho, que o assunto carece de maior quantidade de publicações históricas imparciais sobre o assunto, sendo pouco explorada a importância que o movimento teve para os novos rumos que tomaria a neófito República.

Nos aspectos militares, a luta apresentou inovações nos armamentos e o advento da aviação como meio de combate. A utiliza-

ção maciça da publicidade foi o embrião para a doutrina empregada nas operações de apoio à informação.

A Batalha do Túnel da Mantiqueira, dentro do contexto do movimento, foi de grande importância estratégica. A queda dos paulistas nessa frente representou o fim das esperanças dos constitucionalistas em conquistar uma vitória militar.

Se, por um lado, as forças insurgentes fracassaram em seus planos de combate, a bandeira política por eles defendida, do fim do governo provisório e da reconstitucionalização do país, foi alcançada e representou o maior legado da luta.

4. REFERÊNCIAS

BASTOS, Expedito Carlos Stephani. **Aviação paulista na Revolução Constitucionalista de 1932**: Luta aérea nos céus. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/AV1932.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

BRASIL. Decreto nº 19.398, de 11 de novembro de 1930. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D19398.htm>. Acesso em: 26 jan. 2016.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma História**. São Paulo: Ática, 2003.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. O fantasma da morte - **O trem blindado paulista de 1932**. Disponível em: <<http://darozhistoriamilitar.blogspot.com.br/2010/05/o-fantasma-da-morte-o-trem-blindado.html>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. **Um céu cinzento: a história da aviação na Revolução de 1932**. Pernambuco: UFPE, 2013.

EXAME. **O papel da propaganda na Revolução Constitucionalista**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/o-papel-da-propaganda-na-revolucao-constitucionalista>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

FAUSTO, Bóris. **História concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed USP, 2012.

FEIJÓ, Martin Cezar & Gartel, Noé.

1932: **A guerra civil paulista**. São Paulo: Ática, 1998.

FROTA, Guilherme de Andrea. **Quinhentos anos de História do Brasil**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2000.

HORA DE PRESERVAR. **A Batalha do Túnel da Mantiqueira**. Disponível em: <<http://horadepreservar.blogspot.com.br/2010/12/batalha-do-tunel-da-mantiqueira.html>>. Acesso em

KOSHIBA, Luiz & PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História do Brasil no contexto da história ocidental**. São Paulo: Atual, 2003.

MEMORIAL DO IMIGRANTE. História. Disponível em: <<http://www.memorialdoimigrante.org.br/1932/historia/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

NETO, Lira. **Getúlio: Do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

O ESTADÃO. **Revolução de 1932**. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/topicos,revolucao-de-1932,892,0.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2015.

TUDO POR SÃO PAULO. **Capas de livros sobre a revolução de 32**. Disponível em: <<http://tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

VILA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO CRUZEIRO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/VilaDaNossa-SenhoraDaConceicaoDoCruzeiro/timeline>>. Acesso em: 31 jan. 2016.